ISSN: 2358-8829

# EDUCAÇÃO EM SAÚDE E HANSENÍASE: DA ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS À CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO MÉDIO

Rose Mary Soares Ribeiro[1]
Rozilma Soares Bauer[2]
Fabiano Rossi Soares Ribeiro[3]
Emanuella Pereira de Lacerda[4]
Jackson Ronie Sá-Silva[5]

## INTRODUÇÃO

A hanseníase é uma doença infecciosa crônica causada pelo *Mycobacterium leprae*, que acomete principalmente a pele e os nervos periféricos e, quando diagnosticada tardiamente, pode gerar incapacidades físicas permanentes (Brasil, 2017). O Brasil está entre os países de maior carga da doença no mundo e o Maranhão figura entre os estados de maior endemicidade. Além do dano físico, pesa sobre ela um estigma construído ao longo de séculos, que associou a enfermidade à punição moral e ao isolamento, e que ainda hoje retarda a busca por diagnóstico e afasta as pessoas do convívio social (Goffman, 1988).

Nesse cenário, a escola se destaca como espaço privilegiado de educação em saúde, pois forma sujeitos capazes de compreender, questionar e intervir sobre os determinantes do adoecimento (Schall; Struchiner, 1999). Nas escolas públicas, o livro didático costuma ser o principal recurso de estudo de estudantes e professores, o que torna decisivo aquilo que ele inclui e aquilo que omite (Choppin, 2004). Quando uma doença de relevância local não aparece no material, a omissão se converte em lacuna formativa.

Este estudo analisa, portanto, a interface Saúde-Educação, com foco na negligência pedagógica em relação à hanseníase. O objetivo foi analisar a abordagem da doença em seis livros didáticos de Biologia utilizados em nove escolas públicas de Bacabal - MA, a fim de

[1] Mestranda em Educação. Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, rosemaryjovita@gmail.com;
[2] Mestranda em Educação. Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, bauerrozilma@gmail.com;
[3] Mestre em Enfermagem. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, fabianno_batalha@hotmail.com;
[4] Mestre em Enfermagem. Universidade Federal do Maranhão – UFMA, emanuellalacerda03@gmail.com;
[5] Professor orientador: Pós-Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), prof.jacsonronie.uema@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

fundamentar uma proposta educativa. Trata-se de pesquisa qualitativa e documental, apoiada na Análise de Conteúdo de Bardin (2011). Os resultados mostram a ausência de informações específicas sobre a hanseníase, com tratamento restrito a tópicos genéricos sobre microrganismos. Diante dessa invisibilidade, propõe-se a atualização dos materiais e apresenta-se o e-book "A discussão da hanseníase no ensino de Biologia", pensado para apoiar a prática docente e reduzir estigmas no ambiente escolar.

## METODOLOGIA

A pesquisa é qualitativa e documental, abordagem adequada quando o objeto de estudo são materiais escritos que ainda não receberam tratamento analítico e cuja interpretação exige atenção ao contexto de produção e uso (Lüdke; André, 1986; Gil, 2008). O corpus reuniu seis livros didáticos de Biologia adotados em nove escolas públicas do município de Bacabal, no Maranhão.

Os dados foram tratados pela Análise de Conteúdo de Bardin (2011), organizada em três momentos. Na pré-análise, realizou-se a leitura flutuante e a constituição do corpus. Na exploração do material, buscaram-se termos e passagens ligados à hanseníase e ao seu agente etiológico, bem como os trechos dedicados a microrganismos e doenças infecciosas, e esses registros foram codificados e agrupados em categorias. No tratamento dos resultados, as categorias foram interpretadas à luz do referencial teórico, o que resultou em inferências sobre o lugar da hanseníase no currículo escolar. Por se tratar de análise de materiais de domínio público, sem participação direta de seres humanos, a pesquisa dispensa apreciação por comitê de ética, conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016).

## REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão da hanseníase exige ir além do plano biológico. Goffman (1988) define o estigma como um atributo profundamente depreciativo, capaz de reduzir a pessoa a uma identidade deteriorada. No caso da hanseníase, a história de segregação em asilos-colônia e o uso de termos pejorativos reforçaram essa marca, razão pela qual a Lei nº 9.010/1995 passou a proibir a palavra "lepra" em documentos oficiais (Brasil, 1995). Combater o estigma, portanto, é tarefa também educativa, e não apenas assistencial.

ISSN: 2358-8829

A educação em saúde, por sua vez, supera o modelo meramente informativo e preventivo quando assume o diálogo entre saber científico e experiência cotidiana (Schall; Struchiner, 1999; Gazzinelli et al., 2005). No Ensino Médio, o ensino de Biologia é o espaço curricular em que esse diálogo pode se concretizar, já que permite relacionar conceitos biológicos a problemas reais da comunidade (Krasilchik, 2004). A Base Nacional Comum Curricular também reconhece a saúde e a análise de situações-problema da vida cotidiana como parte da formação em Ciências da Natureza (Brasil, 2018).

Do ponto de vista pedagógico, Freire (1996) defende que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, criticidade e compromisso com a autonomia. Nessa perspectiva, discutir a hanseníase em sala de aula não significa transmitir informações isoladas, mas problematizar a realidade vivida pelos estudantes, em consonância com a abordagem de Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2002). O livro didático, por sua vez, não é neutro. Ele seleciona saberes e legitima certos conteúdos, e por isso precisa ser examinado criticamente (Choppin, 2004).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise organizou-se em quatro categorias, sintetizadas no Quadro 1. O principal resultado é a ausência de informações específicas sobre a hanseníase nos seis livros examinados. O assunto que mais se aproxima dela é o estudo dos microrganismos, tratado em tópicos genéricos que não conduzem o estudante ao reconhecimento da doença, de seu agente, de sua transmissão ou de seu tratamento.

Quadro 1 – Categorias analíticas e síntese dos achados nos seis livros didáticos

| Categoria | Pergunta orientadora | Síntese do achado |
|---|---|---|
| Presença da hanseníase | A doença é nomeada e tratada como objeto de estudo? | Ausência de informações específicas nos seis livros analisados. |
| Microrganismos em geral | Há abordagem de bactérias e doenças infecciosas? | Tópicos genéricos sobre microrganismos, sem relação com a hanseníase. |
| Dimensão epidemiológica | São apresentados dados, distribuição ou contexto regional? | Silenciamento de aspectos epidemiológicos essenciais. |
| Dimensão sociocultural | O estigma, a história e a exclusão social são discutidos? | Silenciamento de aspectos socioculturais essenciais. |

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Esse silêncio não é inofensivo. Ao tratar as bactérias de modo abstrato, os livros deixam de conectar o conteúdo à realidade epidemiológica de um estado onde a hanseníase é um problema persistente de saúde pública. Também ignoram a dimensão sociocultural, isto é, a história de exclusão, os mitos que cercam a doença e o sofrimento causado pelo preconceito. A

omissão desses aspectos reforça a ideia de que a hanseníase pertence ao passado ou a outros lugares, o que contraria a necessidade de vigilância e de diagnóstico precoce (Brasil, 2017).

Sob a ótica de Freire (1996), a ausência do tema empobrece a leitura crítica do mundo, pois priva o estudante de instrumentos para compreender uma questão que pode estar presente em sua família ou comunidade. Na leitura de Goffman (1988), a falta de informação qualificada favorece a manutenção do estigma, já que o preconceito se alimenta do desconhecimento. Isso desloca para o professor a responsabilidade de complementar o material, tarefa difícil quando faltam recursos acessíveis e adequados.

É a essa lacuna que responde o e-book "A discussão da hanseníase no ensino de Biologia". Concebido como material de apoio à prática docente, ele busca articular os conteúdos de Biologia aos aspectos epidemiológicos e socioculturais da doença, oferecendo ao professor subsídios para planejar aulas que combatam o estigma e promovam a autonomia dos estudantes. A atualização dos livros didáticos permanece necessária, mas o recurso digital oferece uma alternativa imediata, de fácil acesso e passível de revisão contínua. Cabe ressaltar que a análise documental não alcança as práticas efetivas de sala de aula, de modo que pesquisas futuras podem investigar como os professores trabalham o tema e como o e-book é recebido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos seis livros didáticos de Biologia adotados em escolas públicas de Bacabal - MA revelou que a hanseníase está ausente do conteúdo, restrita a tópicos genéricos sobre microrganismos. Esse silenciamento desconsidera aspectos epidemiológicos e socioculturais essenciais e contribui para a invisibilidade de uma doença que ainda é relevante no Maranhão e que carrega um estigma histórico.

Diante disso, defende-se a atualização dos materiais didáticos e propõe-se o e-book "A discussão da hanseníase no ensino de Biologia" como ferramenta de apoio ao trabalho docente e de enfrentamento do preconceito no espaço escolar, em diálogo com a educação crítica e emancipadora de Freire (1996). Recomenda-se que novos estudos acompanhem a aplicação do material e ampliem a análise para outros contextos e componentes curriculares.

**Palavras-chave:** Hanseníase; Livros didáticos de Biologia; Ensino de Biologia; Análise documental.

## REFERÊNCIAS


BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Lei nº 9.010, de 29 de março de 1995. Dispõe sobre a terminologia oficial relativa à hanseníase e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 30 mar. 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia prático sobre a hanseníase**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 24 maio 2016.

CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549-566, 2004.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M. **Ensino de ciências**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAZZINELLI, M. F. et al. Educação em saúde: conhecimentos, representações sociais e experiências da doença. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 200-206, 2005.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

KRASILCHIK, M. **Prática de ensino de biologia**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

SCHALL, V. T.; STRUCHINER, M. Educação em saúde: novas perspectivas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 15, supl. 2, p. 4-6, 1999.